

Márcia Batista

PROCURANDO ASSOMBRAÇÃO

e outras histórias

Recontos livres da literatura
oral brasileira



Ilustração
Álvaro Apocalypse

5ª edição
Conforme a nova ortografia

Formato

*À memória de Jayme Baptista,
pai, mestre, desbravador de estradas e das letras,
com gratidão e imensa saudade.*

PROCURANDO ASSOMBRAÇÃO E OUTRAS HISTÓRIAS

Não lembro quando, nem quem me contou, mas o que ouvi, conto agora pra você que me escuta ou lê, sentado em roda ou cada um no canto seu.

Pode ser uma anedota (ah, sabe aquela do papagaio?...); um “causo” (... eu então puxei a vara com toda a força que tinha e quase caí pra trás com o baita do peixe que saiu da água e que era maior...) ou histórias, como estas que aqui estão, reunidas em um livro para você conhecer, comentar e recontar.

Para realizar este trabalho, li muitos e variados textos ou “registros” feitos por pesquisadores e estudiosos do assunto que saíram “escutando” as histórias por este Brasil afora para depois estudá-las, escrevê-las e publicá-las. Assim, selecionei algumas que me pareceram mais interessantes pela temática, pela diversidade das regiões onde foram ouvidas e pela origem étnica, representativas da nossa formação cultural, ou seja, do índio, do europeu, do negro. Mas, como eu também faço parte desta “cadeia” de contadores, acrescentei, adaptei (a linguagem, os costumes...) e reconto agora para você.

Esta é uma das principais, se não for a maior, características da **literatura oral** em qualquer parte do mundo: sua “oralidade”. Alguém, muitas vezes um contador de histórias – que escutou de seus pais ou avós –, contava para uma ou mais pessoas a história que ouvira. E, como essa história não estava registrada no papel ou em algum tipo de gravação, recebia acréscimos, sofria cortes ou ia sendo adaptada no tempo, nos lugares e nos costumes à medida que era recontada. É como a brincadeira do telefone sem fio, em que alguém começa contando um fato e este, no final da roda, tem uma versão bem diferente da primeira.

De fato, fiz uma “visita” aos nossos ancestrais literários, ou seja, aos nossos tataravós, bisavós, avós, amas de leite, entre outros, que usaram primeiro a linguagem oral para narrar uma história baseada em fatos reais ou imaginários.

Enfim, procurei demonstrar a nossa riqueza, a nossa diversidade étnica, cultural, regional e, ao mesmo tempo, a nossa universalidade, pois recebemos influências de vários povos na nossa formação cultural.

A **literatura oral** buscava – busca, ainda – preservar, dar a conhecer aos povos a sua tradição, os seus valores morais, seus costumes, em uma época em que o “registro” da palavra inexistia, era escasso ou inacessível. Ela era – é – um elo de uma corrente, um fio de uma rede, como hoje talvez seja a Internet.

E como você também faz parte dessa corrente, espero que goste da visita que juntos fizemos ao nosso passado/presente/futuro literário, e que crie, re-crie, reconte, compare e represente e conte depois, em versos (como no cordel) ou em prosa, uma outra história.

Em tempo:

Esta é uma obra feita de várias outras, ou seja, um livro composto por vários recontos, de várias procedências e de características diversas. Assim, a diferença na diagramação dos contos **A cabeça falante** e **Lua-cabeça sobe ao céu em linha de carretel** se justifica porque obedeceu à forma poética utilizada para tentar transmitir ao leitor o contexto cultural gerador das histórias recontadas – o africano e o indígena.

A emoção e o sentimento, nessas comunidades, são caracterizados instintivamente, mais por meio do corpo e do gesto do que por meio de palavras, dando ênfase à ação e ao movimento, não à reflexão. A simplicidade da situação, sua concisão e tensão se expressam formalmente em frases e períodos curtos, de fácil compreensão, e de espaços em branco (pausas), como imagens fotográficas de um mesmo “quadro” ou cena. Essas imagens são detalhadas sucessiva e gradualmente e, em alguns casos, repetidas intencionalmente para enfatizar o fato/acontecimento central, como num filme ou peça de teatro, na ordem mais lógica, natural e harmônica possível, buscando conduzir ao suspense do desfecho.

Márcia Batista

SUMÁRIO

PROCURANDO ASSOMBRAÇÃO: O MÃO-PELADA (mito folclórico)	7
A CABEÇA FALANTE.....	21
A HISTÓRIA DE TONHÃO, MIGUELITO E A CAVEIRA (conto cômico de Goiás)	27
JAUÁ, BOI ENCANTADO	33
LUA-CABEÇA SOBE AO CÉU EM LINHA DE CARRETEL.....	43
MENINOS COM COROAS NOS CABELOS	49
AS ARTES & AS MANHAS DE MALASARTES	59
ENGANAR A MORTE NÃO É BOA SOLUÇÃO	67
SOBRE ESTE LIVRO	74





PROCURANDO ASSOMBRAÇÃO: O MÃO-PELADA (mito folclórico)

O Mão-Pelada é um mito secundário da região de Minas Gerais, comum também a São Paulo, Goiás e Mato Grosso.

Integra o **Ciclo dos Monstros**, de seres espantosos e de visões de terror que povoam os contos infantis e as histórias populares. É um retrato da presença do medo na alma de crianças e adultos. O Mão-Pelada é um ser totalmente mau, destruidor, agressor, que mata e persegue suas vítimas somente por maldade e prazer.

De origem remota, todos os folclores possuem essa sinistra galeria de monstros.



– É hoje, depois do almoço, qu’eu vou, Justino. Você vem comigo ou não?

– Mas aonde, Beto? Que negócio é esse qu’eu num tô me alembando?

Fazia um tempo, já, que Quindanda e João Congo, acorados junto à fogueira, picavam fumo e enrolavam a palha do cigarro. As lembranças vinham de longe, do tempo em que, pequenos ainda, chegaram por ali, escravos negros trazidos de terras distantes.

Justino bem que se lembrava do desejo do amigo que vinha, todo ano, passar as férias na fazenda velha do avô. Só queria conferir, ganhar tempo talvez, porque, no fundo, fundo dele mesmo, Justino não queria ir. Tinha medo. Medo de nem sabe do que, mas ouvira tantas vezes o avô Congo – antigo escravo da fazenda – contar aquela história do bicho que, muitas vezes, quando andava sozinho no mato, parecia até que ele via o Mão-Pelada andando na trilha à sua frente. Ele então se benzia e danava a correr.

– Cruz, Ave-Maria, tô me alembando do Mão-Pelada! Deus que me livre! E João Congo levantou, rodeou a fogueira e olhou longe na direção da pedreira.

– Foi lá mesmo, embaixo da pedreira grande, disse.

– Ah, Justino, deixa de onda! Você sabe muito bem qu’eu quero ir lá embaixo na pedreira, conhecer o lugar onde seu avô diz que viu o Mão-Pelada. Então, você vem comigo?

– Óia, Beto, eu vou pra num deixá ocê ir sozinho qu’eu sou seu amigo, mas qu’eu gosto, num gosto não. A gente num deve de procurá assombração não!

– Que assombração o que, Justino! Eu não acredito nessas coisas e vou lá só pra conhecer o lugar e acho legal se você quiser ir comigo. Já arrumei uma foice e um facão. Depois do almoço, eu te encontro na porteira, combinado? Quando a gente chegar lá, você vai perder esta cisma de assombração.

Foi no meio de um dia que o senhor velho – o Coronel Zé Lino – chamou o moleque João Congo e lhe deu a encomenda. Congo devia levar, num pé e voltar noutra, uma carta ao padre na pequena cidade distante uns seis quilômetros da fazenda. E que voltasse antes da Ave-Maria, que estavam esperando.

Congo pegou a carta, enfiou na cintura da calça e ganhou logo a estrada.

Ligeiro, atravessou a ponte sobre o riacho e, fugindo do rio, subiu o morro. Ia alegre, com a pequena foice no ombro, pulando nos pés e cantarolando.

Algumas horas depois, sentado na porteira, o Beto já esperava com a foice no ombro e o facão na mão. Justino chega, pega o facão e lá se vão os dois pela estrada, levantando a poeira fina da terra seca.

Falam quase nada.

Justino, ressabiado, olha sempre pros lados, enquanto Beto, todo animado, vai mais à frente.